

## Como a pandemia impactará nossas cidades?

*Vinicius M. Netto*

**Um novo vírus pôs o mundo de joelhos:** corpos, mentes, vidas sociais, a economia. A pandemia é o efeito borboleta definitivo: o salto de um vírus entre espécies em um ponto do planeta se multiplica e ramifica em suas redes contínuas.<sup>1</sup> Ficamos reféns. A possibilidade do contágio dilui nossa confiança em participar da vida cotidiana, um medo paralisante que impede que realizemos tantas de nossas ações.<sup>2</sup>



Figura 1 — Ruas vazias se tornaram emblemas das paisagens urbanas durante a pandemia.

Fonte: [http://portuguese.xinhuanet.com/2020-04/30/c\\_139020736.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2020-04/30/c_139020736.htm).

Essa enorme **crise de saúde pública nos coloca numa contradição profunda**. Somos profundamente sociais. A evolução nos moldou para interagir. A interação e a cooperação nos trouxe aos estágios de desenvolvimento onde estamos enquanto culturas. Ter de viver

---

<sup>1</sup> Como sugerem Chris Kempes e Geoffrey West em: <https://bit.ly/2MFW9Hf>

<sup>2</sup> "...the possibility of getting sick—or worse—undermines the public's confidence in participating in everyday life – a paralyzing, nondescript fear that makes you unwilling to do things", Garret M. Graff, *Político*: <https://www.politico.com/news/magazine/2020/05/07/experts-knew-pandemic-was-coming-what-they-fear-next-238686>

isolados, em casa, praticando distanciamento social, evitando encontros até mesmo com a família e amigos, às vezes em *lockdown*, é algo profundamente contrário a nossa natureza. Lidamos com dificuldade com a ideia de não interagir. Mas é a habilidade de entender a necessidade de contrariar nossa natureza e controlar nossas interações que vai, **paradoxalmente, garantir nossa sobrevivência.**

A pandemia nos mostra que é possível **romper com a narrativa de décadas de que o motor da economia não pode parar** e precisa estar em aceleração constante.<sup>3</sup> A disciplina da economia, salvo em campos de exceção,<sup>4</sup> é estruturada em torno de princípios irrealistas, como recursos elásticos ou infinitos e capacidade total de absorção ambiental de suas externalidades negativas. Sua posição suprema entre as ciências sociais a pautar sozinha a política de países inteiros está levando à destruição de milhares de espécies e sistemas ecológicos, colocando em perigo também o futuro da espécie humana. Mas algo aconteceu na pandemia. Praticamente todo o mundo (com a infeliz exceção do Brasil) convergiu na **prioridade da saúde pública em detrimento da economia.** A economia passou a funcionar de forma mais lenta, para reduzir contágios, salvar vidas e evitar colapsos hospitalares. As perdas expressivas e danos às redes produtivas — agentes, organizações e pessoas — sugerem a urgência de novas formas de planejamento econômico baseadas em protocolos internacionais de cooperação e monitoramento, com mais rigor a respeito do risco de futuros *outbreaks* epidêmicos locais. **A pandemia escancarou a interdependência de sociedades, regiões e povos.** E deixa a lição de que, quando necessário, **é possível convergir em prioridades humanitárias ou ambientais** — como deverá ser necessário com a exaustão futura de recursos não-renováveis e com os danos ambientais gerados pelo funcionamento da nossa economia em seus moldes industriais.

A pandemia ainda nos mostra que **ações individuais intencionais podem ter consequências coletivas indesejáveis.** A redução da ideia de ‘liberdade’ a comportamentos individualistas, que não levam em consideração implicações sistêmicas de nossas ações e interesses, coloca em perigo as pessoas ao nosso redor — e além! Progressivamente, exponencialmente. A pandemia nos mostra que agir individualmente mantendo o coletivo sob os olhos é o *modus operandi* mais inteligente para a preservação... do indivíduo! Nos demanda entender **a importância da cooperação** como forma de maximizar benefícios também individuais. Essa realização tem o peso de *um novo paradigma*, capaz de pautar nossa vida econômica e nossa segurança pessoal. **O coletivo e o individual são muito mais interdependentes** do que se queria pensar.

O vírus e sua transmissão se valem de duas coisas. A primeira é a **mobilidade global**, as conexões em um mundo altamente integrado, sobretudo para as classes mais altas.

---

<sup>3</sup> Veja o argumento do filósofo Bruno Latour em: <https://bit.ly/2XDZdtI>

<sup>4</sup> Veja abordagens como a *evonomics*: <https://evonomics.com/>

Pandemias anteriores, como a pandemia de Influenza de 1918-1920, que contaminou 500 milhões e ceifou 50 milhões de vidas em um planeta então com 1.8 bilhões de pessoas, já mostravam um mundo globalizado. A alta velocidade de expansão da pandemia Covid-19 dá a exata medida do grau de integração pessoa a pessoa do mundo atual. *Small world*: uma rede social global de baixa profundidade. A sucessão dos países atingidos dá a indícios de sua posição na topologia global de países e cidades, em que pesem a proximidade geográfica e relações entre regiões específicas.

A segunda é a **cidade como motor de contato**. O modo como a pandemia se concretiza se vale das estruturas de interação materializadas na forma das nossas cidades. Desde sua origem há algo como 8.000 anos, cidades são máquinas de gerar contato e comunicação.



Figura 2 — Cidades como conectores de redes sociais, intensificando as interações.

Fonte: <https://www.archdaily.com/915377/public-spaces-arent-really-available-for-everyone>

Em uma pandemia, *só pode haver contágio se houver contato*. E cidades são formas muito eficientes de criar contato entre as pessoas. Essa é sua natureza, é isso o que cidades fazem. **A essência da cidade é a interação**. Cidades fazem a compressão das interações no espaço e no tempo: concentram atividades, distribuem pessoas, residências e instituições, estruturam suas interações. Cidades são lugares de difusão – de ideias e inovações – sobretudo as cidades maiores e mais densas. Isso vale para a economia: a chamada vantagem

aglomerativa. Com mais pessoas concentradas no espaço, temos mais interações, mais ideias, mais fertilização cruzada entre setores econômicos, mais ganhos de especialização e de diversificação na economia, mais inovações.

A disseminação de um vírus segue a mesma lógica, e esse é outro paradoxo que vivemos: **o mecanismo da cidade como compressor de interações**, gerador de encontros imprevistos e serendipidade, é **o mesmo mecanismo do contágio**. A lógica da difusão via contato social é a mesma do contágio. É o veículo que o vírus, outro mecanismo eficiente, usa para sua sobrevivência.

Mas não se trata de culpar ingenuamente nossas cidades. **O vírus tira partido dos sistemas altamente interativos** dentro e entre elas. A partir das limitações de protocolos internacionais de contenção da mobilidade em situações de *outbreaks* locais de epidemias, a chegada era questão de tempo. A pandemia emerge mais rapidamente em uma rede global trabalhando cada vez mais integrada — mas certamente não foi a primeira a ocorrer ao longo da história humana.

A questão agora é **o que isso vai significar para o futuro da vida urbana**, o futuro das nossas vidas na cidade (ou fora da cidade). Depois da experiência de isolamento e de incorporarmos profundamente a necessidade de evitar o contato, um novo código de comportamento social no espaço, vamos nos sentir confortáveis em compartilhar espaços públicos ou edifícios com outras pessoas? As pessoas vão querer andar em suas cidades ou em ruas outrora borbulhando urbanidade, como a emblemática Avenida Presidente Vargas no Rio, o centro de São Paulo, a Times Square em Nova York? Há um sério risco de que muitas pessoas não queiram mais essa experiência, em função dos riscos. As marcas podem ser profundas – no uso do espaço urbano, e talvez na própria forma do espaço urbano no futuro próximo.

Não sabemos como a pandemia do coronavírus vai impactar o futuro das cidades, mas **as epidemias e pandemias passadas deixaram impactos muito visíveis**. O final século XIX ainda não conhecia a causa e os meios de transmissão de doenças como a cólera. A microbiologia engatinhava. Infraestruturas urbanas de saneamento eram inexistentes. Culpou-se o visível: as cidades e suas densidades. Em seguida, a pandemia do Influenza em 1918 teve ondas até 1920, contaminando 500 milhões de pessoas (em um mundo então com 1.8 bilhão) e vitimando 50 milhões de pessoas. Esses eventos terríveis e os sentimentos anti-urbanos que eles despertaram deram origem a novas imaginações da cidade – as chamadas *utopias*, que buscavam cidades assépticas (e vazias) e terminaram moldando muitas cidades e áreas urbanas ao longo do século XX, de Hansaviertel em Berlin e do Pruitt Igoe em St Louis à Brasília e à Barra da Tijuca no Rio de Janeiro.



Figura 3 — Hansaviertel em Berlin à Barra da Tijuca no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://www.xn--brger-fr-denkmale-22bg.de/buergerverein-hansaviertel.html>

Documentário *Arquitetura e o Ballet da Rua*: <https://www.youtube.com/watch?v=9HRxbboxVvk>

Um impacto de grande potencial de repercussão da nova pandemia de Covid-19 sobre nossas cidades já se faz sentir: **a separação histórica entre casa e trabalho pode fser borrada ou mesmo desaparecer**. Ordens de isolamento e *lockdown* levaram empresas e instituições de informação e serviços, de companhias de software a universidades, a promover o trabalho em casa para seus funcionários. Isso vale sobretudo para aqueles (e suas classes e campos sociais) trabalhando em setores da economia da informação, produção de conteúdos, gerência de processos, tecnologias, ciência e pesquisa.

Outro impacto visível é uma **divisão social emergente**, filha da velha divisão de classes: aqueles envolvidos em atividades informacionais podem trabalhar de suas casas; trabalhadores ‘essenciais’, mantendo da venda de alimentos aos sistemas de transporte e

saúde, seguem atuando e se locomovendo na cidade, expostos a riscos. Essa é uma questão de fundo ético que precisa ser imensamente debatida.

Fiquemos aqui com o primeiro impacto. **A separação entre casa e trabalho está na base da criação das cidades**, historicamente: o fato de que **classes de especialistas emergiram** e passaram a cooperar em **lugares específicos e especializados**, fora da habitação. Essa separação tem repercussões. Ela dispara novos arranjos espaciais e sociais. Ela gera novas atividades urbanas, molda sua localização e distribuição no espaço, e a própria estrutura das cidades.

O que acontece se essa separação se dilui? Já víamos **a tendência de usar certos dias da semana como as sextas-feiras para funcionários dos setores informacionais trabalharem de casa, em *home office***. Agora essa tendência pode incluir uma inversão: trabalhar na empresa apenas um dia por semana, por exemplo, para coordenação, gerenciamento e reuniões que vão disparar trabalhos a serem feitos em casa. Por isso tudo, a preocupação de muitas organizações nesse momento é em como tornar seus funcionários produtivos fora de suas sedes e evitar enormes perdas com a mudança para o trabalho em casa. Muita gente está olhando de perto formas de solucionar esse problema, pensando em tecnologias e logística.

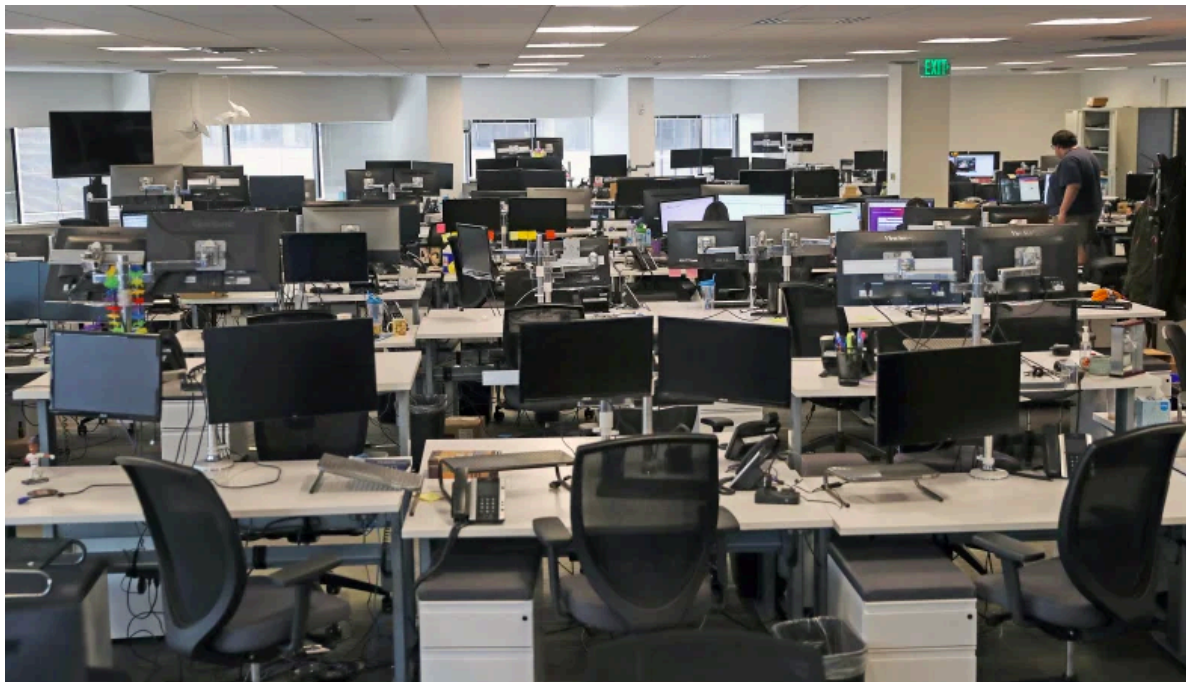


Figura 4 — Estações de trabalho informacional ficaram praticamente vazias.

Fonte: <https://time.com/5801882/coronavirus-spatial-remote-work/>

Empresas estão perdendo (e investindo) bilhões nesse processo de aprendizado, mas isso só reforça a possibilidade de que **a virada para que uma parte substancial do corpo produtivo em nossas sociedades passe a trabalhar de casa seja irreversível**. Em outras palavras, pessoas e empresas podem optar pelas economias (de tempo e de espaço) e vantagens do trabalho em casa, e não desejarem mais retornar funcionários para suas sedes. Isso também está ocorrendo no Brasil: a Petrobras anunciou recentemente que pode funcionar com 50% de seus funcionários em suas casas, adotando o home office permanentemente, reduzindo custos com aluguéis e propriedades.<sup>5</sup>

Se esse movimento se consolidar, pode levar a **novos arranjos do mundo do trabalho**, com redução da necessidade de presença nas sedes físicas de organizações, ou limitando o número de dias de presença. Tecnologias vem sendo desenvolvidas para isso, e para dar mais condição de trabalhar de casa. É a ideia de *'hack our homes'*, **adaptar nossos lares para o trabalho e para a cooperação à distância**, transformando casas em 'lugares eficientes'. Se isso se confirmar, vai impactar nossos hábitos, nossa arquitetura, as dinâmicas de relação familiar, a **borda entre vida profissional e vida pessoal**.

Por exemplo, escrevo esse texto enquanto minha filha de 20 meses está no meu colo montando um quebra-cabeças. Faço reuniões via internet com ela 'acampada' perto de mim. Talvez borrar essas bordas impacte o pragmatismo e a racionalidade produtivista, trazendo mais afetividade no mundo do trabalho, ou mais continuidade entre demandas da profissão e o universo da família e da privacidade. Aparentes perdas de produtividade podem levar a ganhos de ânimo. Ou podemos ter efeitos na outra direção: novos arranjos de tempo e espaço do trabalho em casa poderão impactar tanto a vida familiar quanto a profissional, em um *trade-off* danoso. Tudo isso terá de ser acompanhado ao longo do tempo.

Mas os impactos urbanos podem não se limitar ao trabalho a sua relação com a moradia. **As pessoas podem simplesmente não querer mais viver nas cidades**. Reportagens recentes falam do 'trauma do distanciamento social', da descentralização urbana, e da perda de população em grandes cidades.<sup>6</sup> A evasão de Nova Iorque dos bairros mais abastados em direção a subúrbios fora da cidade durante a pandemia ilustra o processo.<sup>7</sup> A retração das pessoas em relação às cidades e um sentimento anti-urbano podem intensificar a **tendência a buscar formas de viver em pequenas comunidades**, compartilhando espaços, *co-living*, vivendo e trabalhando nos mesmos edifícios. Já víamos essa tendência de multifuncionalidade em espaços que se beneficiam da urbanidade, sobretudo para *millenials* (nascidos entre 1980 e 1994) e aqueles da *geração Z* (nascidos de 1995 em diante) em SP ou

---

<sup>5</sup> <https://exame.com/negocios/podemos-trabalhar-com-50-dos-funcionarios-em-casa-diz-ceo-da-petrobras/>

<sup>6</sup> <https://amp.cnn.com/cnn/2020/05/02/us/cities-population-coronavirus/index.html>

<sup>7</sup> <https://www.nytimes.com/interactive/2020/05/15/upshot/who-left-new-york-coronavirus.html>

em NYC. A pandemia pode intensificar a lógica do *sharing* em pequenas comunidades profissionais, por exemplo, em *clusters* suburbanos, distantes dos centros.



Figura 5 — Arranjos suburbanos podem se tornar hubs de trabalho informacional.

Fonte: <https://rismedia.com/2017/08/10/benefits-choosing-suburban-life-city-living/>

Isso significa a **possibilidade de dispersão espacial** – algo que se temia com a **popularização da Internet no final dos anos 1990**. Naquele momento, pensou-se que essas tecnologias permitiriam que as pessoas saíssem das cidades e se dispersassem em clusters. Termos como “o fim da cidade”, “o fim da geografia”, “a morte da distância” se multiplicaram e futurólogos ganharam notoriedade.<sup>8</sup> Mas o fim das cidades não aconteceu: elas continuaram pulsantes, ganhando em efeitos multiplicadores a partir das trocas digitais.<sup>9</sup>

Entretanto, a leitura de especialistas em setores de informação é a de que **novas tecnologias digitais e plataformas colaborativas vão finalmente permitir essa dispersão**, impactando as cidades como entidades de concentração de trabalho e pessoas. O tecido da cidade poderia ser rompido por essa força centrífuga. Espaços e edifícios receberiam novos usos na

---

<sup>8</sup> Veja, por exemplo, o livro de Francis Cairncross (1997) *The Death of Distance: How the Communications Revolution Is Changing our Lives*. Boston: Harvard Business School.

<sup>9</sup> Veja o clássico de Saskia Sassen (1991) *The Global City: New York, London, Tokyo*. New Jersey: Princeton University Press.



cidade, ou ficariam sub-utilizados. Por sua vez, lugares e ambientes suburbanos em torno da habitação seriam otimizados para efeitos de efetividade de custos e performance – algo como *hack the built environment*.

Temos os ingredientes: a quebra da separação casa-trabalho que estrutura as cidades desde sua origem. A redução da dependência da copresença e, portanto, das cidades. O suporte de plataformas de consumo à distância, via *hubs* locais ou periféricos distribuiriam produtos e suprimentos – como a *Amazon* já oferece nos Estados Unidos. Habitações podem ser construídas via processos otimizados. O processamento de resíduos domésticos pode ser realizado já nas edificações. A auto-suficiência dos clusters e comunidades fica visível também nas ‘community watches’, vigilância *peer-to-peer* ou entre pares, complementadas por sistemas de câmeras e *drones* de vigilância. Tudo isso enquanto se olha para medidas de **sustentabilidade**, como evitar custos e externalidades ambientais da movimentação diária ao trabalho.

Esse seria **um futuro sub-urbano** organizado *bottom-up*, de baixo para cima, a partir da aquisição de tecnologias de trabalho, consumo e proteção disponíveis a comunidades capazes de pagar por elas. É um novo apelo à vida em pequenas comunidades que parece se encaixar em tendências atuais de auto-segregação e ‘gated communities’. Esse futuro atomizado em clusters socialmente homogêneo pode soar assustador — e decididamente anti-urbano. **Essa forma de viver tem apelo desde o final do século XIX**. A fuga das classes com trabalho informacional, já visível na redução de tamanho de certas cidades nos Estados Unidos, como Nova York, pode significar novo momento no jogo de tendências urbanas e não-urbanas, forças centrípetas e centrífugas, com resultados ainda difíceis de prever. E está na raiz do debate que demoniza novamente a cidade com o papel da cidade e das densidades urbanas na pandemia.

Antes de demonizar as cidades — ou de tentar isentá-las de qualquer papel — precisamos entender como as cidades, seu tamanho e suas densidades urbanas se tornam parte da dinâmica da transmissão.